



Movimento Estudantil na Universidade Federal do Amazonas: Teoria e Prática (2013-2016).¹

Juliana Ricardo MOTA²

Luiz Fernando de Souza SANTOS³

RESUMO

Esta pesquisa pretende expor a análise feita sobre o movimento estudantil na UFAM (Universidade Federal do Amazonas), que tem como órgão de participação institucional estudantil o DCE (Diretório Central dos Estudantes). Busca-se compreender, através do olhar crítico e reflexivo, se há representatividade e o que este significa para os estudantes, estando imerso na dinâmica social, de modo que, o próprio caráter heterogêneo das lutas expressa temas cotidianos, conectados entre si, como Trabalho, Precarização e reivindicação por melhores condições de ensino e qualidade de vida. Como forma de organização e expressão de suas demandas, o movimento estudantil deveria gerar em seus participantes sentimentos de pertencimento, no entanto, a falta de estratégias que mobilizem ações coletivas, desgasta e marca a crise de representatividade e organicidade que se manifesta na sua intervenção fragmentada e no menor envolvimento dos estudantes. Se faz necessária, a retomada do movimento estudantil na UFAM, focando na construção de uma unidade em defesa do ensino superior público, e contra o sucateamento das universidades, na luta pelos serviços estudantis de qualidade, bem como a construção de um local destinado a sede do Diretório Central dos Estudantes (DCE) que seja mais acessível.

PALAVRAS-CHAVE: Movimento Estudantil; Representatividade; Diretório Central dos Estudantes.

¹ Trabalho apresentado no GT 7 - INTERDISCIPLINARIDADE, INSTITUCIONALIDADE E DESAFIOS DAS CIÊNCIAS SOCIAIS NA PAN-AMAZÔNIA do III Siscultura.

² Graduanda em Ciências Sociais pela UFAM. E-mail: julianasemmota@gmail.com

³ Doutor em Sociologia pela UNICAMP. E-mail: luizfern@gmail.com



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



A pesquisa que segue, abordará a temática do movimento estudantil, ressaltando sua relevância como um movimento social de importância teórica e, principalmente, prática. Tendo fluxos e refluxos, que constituem um campo de sociabilidade política e cultural, viabilizam formas de organização e expressão de demandas, demarcando interesses, identidades, subjetividades e projetos específicos de diferentes grupos sociais, constituindo-se como parte do objeto de estudo da sociologia.

Há a necessidade de se recorrer aos clássicos, a fim de estabelecer interpretações e conexões com a atualidade, de acordo com as inquietudes de seus leitores. E não se trata de adotar uma única perspectiva teórica, mas de justamente escapar um pouco das amarras conceituais que guiam o olhar e definem o objeto a partir de suas únicas perspectivas. O percurso sobre a antropologia, sociologia, ciência política e a história, foi essencial para ampliar o escopo da análise, e conectar os autores, as teorias e a realidade, de modo que uma não pareça estranha a outra, mas que impulsionem a repensar o cotidiano a partir de diferentes ópticas.

Quanto à rígida proposta de seguir um único caminho, socialmente positiva e acriticamente, digo que, “não sou isto nem aquilo” (Idem:1995, p.20) e, na tentativa de captar certas realidades, despi-me de tudo o que era, numa relação de trocas constantes com os estudantes. De reformulação de perspectivas e compreensão dos processos fluidos que constituem o objeto.

Partindo da perspectiva da história nova, em que o problema é o recorte e o limite, das transformações que renovam os fundamentos, dentro de uma história viva, aberta e contínua. Em oposição ao hábito de procurar as origens, de reconstituir tradições, seguir curvas evolutivas, numa repugnância “em pensar a diferença, em descrever os afastamentos e as dispersões, em desintegrar a forma tranquilizadora do idêntico” (Idem:1995, p.14).

Está fora do alcance, a descrição sem limites, o que se pretende, portanto, é adentrar em uma região inicial dinâmica, fragmentada e formada por descontinuidades. Esta forma de fazer história transforma os documentos em monumentos, decifrando os rastros deixados pelos homens, para de reconhecer o que tinham sido. Ao contrário do



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



que se propunha a história tradicional, de interpretar o documento que seria em si mesmo, de pleno direito, memória.

Não é mais uma matéria inerte, agora ela procura definir, no próprio tecido documental, conjuntos, relações e unidades, por trás de práticas e discursos, que mesmo não-ditos ou silenciados, dizem muito sobre a realidade. Trata-se de organizar, ordenar e repartir em níveis, o que é pertinente do que não é. Dedicando esforços a uma descrição intrínseca do monumento, numa história voltada para a arqueologia.

Reconstituindo, a partir dos documentos e meias-palavras, o passado de onde emanam e que se dilui, agora, bem distante deles. E encontrar, nos conjuntos de discursos, além dos próprios enunciados, a intenção dos sujeitos, descobrindo, por detrás de palavras mudas e murmurantes, “o texto miúdo e invisível que percorre o interstício das linhas escritas e às vezes, as desarruma” (Idem:1995, p.31).

Para gerar, ao fim da exposição, uma explicitação racional imanente do próprio objeto, cumprindo a exigência de só incluir aquilo que foi adequadamente compreendido, unificando a sua crítica e a sua apreensão. Utilizando a dialética na exposição do movimento lógico do conteúdo, em suas determinações subjetivas (internas) e concretas. Com o suporte de um método que busca superar a exterioridade do conhecimento em relação ao objeto.

Sendo um campo de atividades e experimentações sociais, geradoras de criatividade e inovações socioculturais, um espaço coletivo de diálogo e interação de diferentes sujeitos, como o coração, o pulsar da sociedade, visto que, promovem e impulsionam a atuação crítica e a pauta representativa.

Como forma de organização e expressão de suas demandas, o movimento estudantil deveria gerar em seus participantes sentimentos de pertencimento, no entanto, a falta de estratégias que mobilizem ações coletivas, e a não recriação de espaços para a participação que esteja para além das burocracias e hierarquias institucionais, explicitam o desgaste destas entidades, que marca a crise de representatividade e organicidade que se manifesta na sua intervenção fragmentada e no menor envolvimento dos estudantes.

É fragmentário, e tem em seu histórico, impasses com os atrelamentos partidários, que dificultam o surgimento de outras formas de expressões, além de se ter



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



criado a ideia de que a diretoria, que é apenas uma parte do DCE, é uma entidade que representa o movimento estudantil (DCE, 2012, p.41), ignorando os diferentes movimentos internos que por vezes, se manifestam para além da esfera da diretoria. Esta estrutura centralizada acaba por distancia-los desta entidade que deveria lhes representar e ser um espaço de inserção e atuação política.

O DCE é o meio institucional de representação dos estudantes, mas o movimento em si, tem várias vozes e ações divergentes. Seu abandono se expressa, seja na sede, localizada no Centro histórico de Manaus, como na própria ocupação da direção, que já está a quase dois anos parada, sob entrave de uma eleição bastante conturbada, com roubo de urnas, brigas e arrastões.

O descaso com as demandas dos estudantes, como o Restaurante Universitário (R.U), com a comida de má qualidade e o descumprimento do contrato, das carteirinhas e de vários outros temas pertinentes ao cotidiano são indicativos da desmobilização que se encontra o movimento estudantil na Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

Foi este o cenário com o qual me deparei, ao entrar no curso de ciências sociais, no ano de 2016. Justamente o que me impulsionou a pesquisar mais sobre o tema, visto que, são estas faíscas, que surgem no próprio contato com o social, que incitam e provocam os indivíduos a refletir e repensar suas ideias sobre o que é o movimento estudantil na atualidade, estando dispostos a compreender a relação entre a cidade, a sociedade, e todas as outras questões históricas, econômicas e culturais que explicam e dão sentido à universidade, partindo da compreensão do contexto mais geral (Internacional/Nacional) para depois captar seus movimentos mais locais.

Após o período econômico e político, onde estabeleceu-se, mais diretamente o neoliberalismo, por vários países do mundo, inclusive no Brasil, sobretudo na década de 90, houveram impactos sobre vários movimentos sociais, que acabaram por se desfazer, e refazer mais adiante.

A fragmentação estrutural, as crises, a precarização da vida, a violência e as disputas pelo poder, são marcas que o século XXI mostra e esconde ao mesmo tempo, pois sua aparência está em nós, no cotidiano, e tal proximidade acaba por obscurecer. E algo que se pretende, no decorrer da exposição é trazer à luz e colocar em debate, sem a



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



pretensão de estar iniciando ou descobrindo o tema, mas por perceber sua importância e resgata-lo dentro da comunidade científica amazonense.

Cenário de desregulamentação do mercado de trabalho, que contribui para os processos de exploração que ocorrem através da terceirização, em que há o enfoque no favorecimento privado, na redução dos investimentos em educação, saúde, transporte e engenharia urbana e cultura.

Foi justamente isto que moveu a juventude para as manifestações de junho de 2013, marco de referência na memória do país, e um período emblemático de retomada das ruas, inicialmente organizada pelo Movimento Passe Livre, com o intuito de barrar o aumento do transporte público, que se transformou, sobretudo, a partir da massiva repressão policial, numa reapropriação das reivindicações por diferentes grupos ideológicos e setores da sociedade brasileira.

Tratando-se de um processo histórico-cultural, legando “*a legitimação do protesto social nas ruas como forma de busca por mudanças conjunturais*” (GOHN,2017, p.111), provocando um choque entre uma parcela da população que visa uma democracia mais participativa, fermentada desde baixo, através das redes sociais eletrônicas, e um enrijecido sistema político e social hierarquizado, fundamentalmente refratário a participação popular.

Cabe ressaltar que, entre estes grupos ou coletivos ativistas de redes, não havia uma orientação hegemônica, foram três tipos de manifestantes advindos da nova classe trabalhadora que ocuparam as ruas a partir de junho de 2013, uma parte vindo dos movimentos populares das periferias e favelas, considerados trabalhadores precarizados, e os grupos de anônimos, como os Black blocs, e os estudantes de classe média. Tendo uma composição fluida, ambos parecem não aderir às duas modalidades ideológicas propostas pela classe média, tampouco estariam movidos pelas miragens do consumo e da competição.

A juventude, buscando novas formas de organização, criou novos valores e práticas, discursos e representações, além da grande revolução operada na comunicação entre os indivíduos, por intermédio das redes sociais, com o uso da internet e aparelhos



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



moveis, de grande potencial mobilizador e conectivo, gerando novas formas de sociabilidade e ativismos, para além das estruturas estatais institucionalizadas.

O que marca o amadurecimento processual e constante do movimento estudantil é a insatisfação e a revolta, e a disposição às mudanças, vistas com o olhar crítico, afastando os olhares positivistas e conformistas, levando à ocupação e ampliação dos espaços públicos, de debate e construção de uma nova realidade, que pode ser definida e escrita por todos os sujeitos sociais, em coletividade.

Para alcançar os objetivos definidos, procedemos a partir da leitura de um referencial teórico, assim como a utilização de teses, documentos e vídeos disponíveis nas redes sociais, que demonstravam a situação das eleições e da divulgação das propostas das chapas concorrentes à diretoria do DCE. Foram realizadas entrevistas abertas, com uso de gravador, e via redes sociais, como WhatsApp e gmail.

Houve a aplicação de dois questionários, sendo um qualitativo e discursivo contendo dezesseis perguntas, e outro fechado e quantitativo contendo oito perguntas, construído com base na escala Likert, como um modelo mais sistemático e refinado de construir índices, sendo bastante direto, já que usa categorias iguais de resposta para os itens que medem uma variável, que neste caso, vai de 0 a 10 sendo, 0-2= insatisfeito, 3-5= pouco satisfeito, 6-8= satisfeito e 9-10= muito satisfeito.

Este método *“baseia-se na suposição de que o escore geral, que resulta das respostas aos vários itens que aparentemente refletem a variável estudada, fornece uma medida razoavelmente boa da variável”* (BABBIE, 1999, p.33), sendo esses escores gerais, são usados, não como um produto final da construção, mas a seleção dos melhores itens para a análise.

Com relação à aplicação dos questionários, foram entrevistados, com base no questionário discursivo, quinze estudantes, pessoalmente e via redes sociais, dentre os que foram citados durante os diálogos como participantes do movimento. O questionário fechado foi aplicado a quinze estudantes escolhidos aleatoriamente, de diferentes áreas.

O apoio nas bases teóricas da sociologia pública e crítica possibilitou-nos um mergulho na realidade do movimento estudantil na UFAM, distante do falso



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



embelezamento de suas práticas, ou da isenção de uma crítica interna, a pesquisa buscou romper com a superficialidade das análises que normalizaram o esvaziamento da universidade e a fragmentação e dispersão dos estudantes.

Observando alguns documentos emitidos por centros acadêmicos que se autodenominam autônomos e independentes, que se puseram contra essa última eleição de 2016, tida como ilegítima, visto que o regimento eleitoral em vigência não havia sido aprovado em um Conselho de Entidades de Base (CEB), conforme determina o Artigo 19 do Estatuto do DCE, exigiram o cumprimento do Estatuto e respeito aos centros acadêmicos, reivindicando a construção coletiva do movimento para barrar o oportunismo eleitoreiro, situação que nos faz refletir sobre a representatividade e confiança no processo eleitoral.

A insatisfação quanto a atuação do DCE é algo latente ao se deparar com os estudantes, visto que, alguns nem sabiam o que significava e qual era seu papel, enquanto outros já estavam desencantados, por ter participado e se frustrado ou por não querer se envolver.

Figura 1: Frente da Sede do DCE

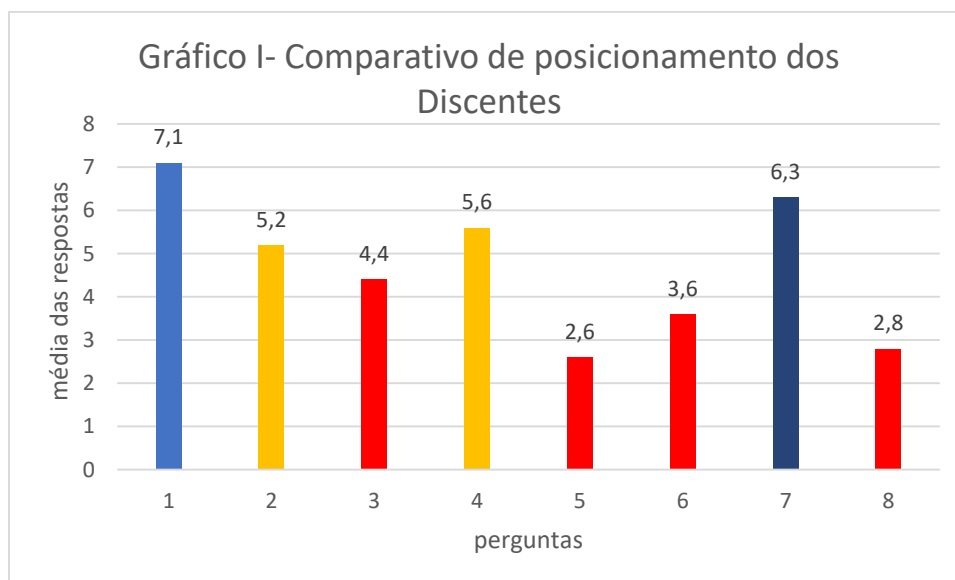


Fonte:

Própria, março de 2018.

Esse é o estado em que se encontra a sede do DCE –UFAM, a mesma que historicamente foi conquistada através de muita luta e resistência há mais ou menos vinte anos atrás, encontra-se deteriorada e distante física e simbolicamente, não tendo mais o mesmo significado. Hoje o prédio é ocupado por um artista, que expõe seus quadros e utiliza o espaço como uma residência, onde os estudantes podem ir como visitantes, dentro dos horários estabelecidos.

O Gráfico I é relativo às perguntas: 1) Relação da UFAM com a sociedade; 2) Serviços estudantis (R.U, Transporte Coletivo, Biblioteca); 3) Atuação dos movimentos estudantis; 4) Relação da UFAM com os discentes; 5) Atuação do DCE; 6) Processo Eleitoral Estudantil (escolha da chapa representante do DCE); 7) Diálogo e proximidade com cursos de outras áreas, diferentes da sua; 8) Representação dos Discentes pelo DCE; onde as cores laranja e amarelo, estão entre a classificação 2 e 5, que seria insatisfeito e pouco satisfeito, enquanto os tons de azul expressam os números que oscilam de 6 a 7, satisfeito.



A insatisfação dos discentes quanto a atuação e representatividade do DCE, um exemplo são as respostas às perguntas 5, que diz respeito a sua atuação, tendo a menor média, e as respostas referentes a questão 6 e 8, que abordam mais diretamente a questão da representatividade e do processo eleitoral.

As respostas a questão 4 são significativas por expressarem uma proximidade maior com a instituição UFAM, do que com o órgão que tem como função representar os estudantes que é o DCE, comparando com a média de respostas da questão 5, onde fica clara a distância deste com os estudantes.

Dentre as propostas feitas e as promessas não cumpridas, duas demandas persistem como um problema, a melhoria dos ônibus integração e a intermediação e diálogo entre os estudantes e a reitoria, como forma de reivindicar e solucionar problemas.

Nas entrevistas abertas, notamos a compreensão que os estudantes têm da importância e contribuição social do movimento estudantil, apesar da insatisfação e distanciamento da instituição DCE, reconhecem a necessidade da organização de pautas coletivas que girem em torno da melhoria da qualidade dos serviços estudantis.

As indicações resultantes da pesquisa são feitas a partir do exercício da sociologia pública, proposta por Michael Burawoy, com a pretensão de impulsionar os estudantes à retomada do movimento estudantil na UFAM, se faz necessária, portanto, a construção



de unidade que mobilize os estudantes em defesa do ensino superior público, assim como para a reivindicação por direitos como transporte coletivo e alimentação de qualidade, a convocação de uma CEB (Conselho de Entidades de Base) que delibere sobre o congresso dos estudantes para tratar da conjuntura atual e da eleição da diretoria do DCE, assim como a luta por um local destinado à sede, que seja mais acessível aos estudantes.

REFERÊNCIAS

HARVEY, David. Cidades Rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana. **Por Martins Fontes Editora**. 2014.

DCE. Caderno de Teses. XXIII Congresso dos Estudantes da UFAM. Manaus, novembro de 2012.

BABBIE, Earl, Métodos de pesquisas de Survey; tradução de Guilherme Cezarino, Belo Horizonte: Ed. **UFMG**, 1999.

TEIXEIRA, Francisco, FREDERICO, Celso. Marx, Weber e o Marxismo Weberiano. **Editora Cortez**. 2010.

GUILHON, José. Movimento Estudantil e Consciência Social na América Latina. **Editora Paz e Terra**, p.11-104, 1977.

MULLER, Marcos. Exposição e Método Dialético em 'O Capital'. **Boletim Seaf**, n 2, Belo Horizonte. 1982.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, n. 47, 2011.

GOHN, Maria da Gloria. Manifestações e Protestos no Brasil: Correntes e Contracorrentes na atualidade. São Paulo, **Cortez**. 2017.

BURAWOY, Michael. Por uma Sociologia Publica: Política e Trabalho. **Revista de Ciências Sociais**, n.25, p.9-50, outubro de 2006.

FOUCAULT, Michel. A Arqueologia do Saber. 4.ed. Rio de Janeiro. **Forense Universitária**. 1995.

BRAGA, Ruy. A Pulsão Plebeia: Trabalho, Precariedade e Rebeliões Sociais. **Editora Alameda**. 2015.



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



REFERENCIAS – SITES

Carta Aberta aos Estudantes da UFAM. Disponível em:
<https://cafcamanaos.wordpress.com/tag/dce-ufam/>. Acesso em 10 de março de 2018.

Após confusão em votação na Ufam, DCE diz que vai tentar identificar responsáveis.
Disponível em: <http://d24am.com/noticias/apos-confusao-em-votacao-na-ufam-dce-diz-que-vai-tentar-identificar-responsaveis/>. Acesso em 16 de janeiro de 2018.

Após eleição tumultuada, chapa 1 toma posse como nova gestão do DCE Ufam.
Disponível em: <https://www.acritica.com/channels/cotidiano/news/apos-eleicao-tumultuada-chapa-1-toma-posse-como-nova-gestao-do-dce-da-ufam>. Acesso em 16 de janeiro de 2018.